

FAMÍLIA ESTENDIDA: SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NUCLEAR¹

Independentemente da perspectiva teórica pela qual se pense a família estendida, o que se verifica é que ela vem sendo concebida como um conjunto de parentes que pode constituir um tecido de apoio familiar, ou não.

Neste ponto, cumpre ressaltar que a família ocidental contemporânea apresenta configurações bem mais diversificadas do que aquelas encontradas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século 20. Novos ritmos e modos de relação resultaram de profundas transformações que caracterizaram o desenvolvimento de uma sociedade marcada pela lógica da dinamização econômica e que determinou a formação de agregados humanos sem precedentes, nas grandes cidades. Outro aspecto a considerar diz respeito à redução expressiva de tempo disponível no âmbito das famílias, o que contribuiu sobremaneira para que elas se movimentassem na direção da individualização e se fechassem em unidades menores. À consequência, verifica-se cada vez mais o afastamento físico e simbólico entre as famílias nucleares e a família estendida. O modelo de clã, caracterizado principalmente pela manutenção de um sistema relativamente fusionado e acionado por relações profundas de toda ordem com avós, tios e primos, praticamente se extinguiu na sociedade contemporânea.

¹ Retirado e adaptado de: PEZZAROLO, Olga Araujo e PEREIRA, Siloe. “Família estendida: teorizando sobre sua importância no desenvolvimento da família nuclear”. IN: INFAD Revista de Psicologia, Nº 1, Vol.4, 2008, p: 523-530. Disponível em: http://infad.eu/RevistaINFAD/2008/n1/volumen4/INFAD_010420_523-530.pdf Acessado em: 27/08/2016.

Paralelamente a essas mudanças, as proposições teórico-clínicas em terapia familiar não pouparam esforços no sentido de enfatizar a importância do estabelecimento de fronteiras claras que permitissem o desenvolvimento da identidade das novas famílias, de papéis diferenciados nas relações entre seus membros e de padrões de autor-regulação que pudessem evitar interferências favorecedoras de disfunções no sistema de cada família.

Assim, parece que tacitamente se estabeleceu um pacto compartilhado, um suposto marcado pela lógica biológica de que os avós integram um sistema em extinção, a partir do momento em que eles cumprem a sua função de criar os filhos, ou seja, à época em que os filhos constituem novas unidades familiares.

Da mesma forma, os tios e primos, membros fundadores ou integrantes de outras células familiares separadas, passam a construir novas histórias, únicas, independentes.

Contudo, parece pertinente supor que a família estendida tem um papel importante no desenvolvimento da família nuclear e da sociedade, tendo-se em conta a saúde de seus membros e a competência sociomoral derivada de relações vinculares profundas e de experiências genuínas de exercício ético.

No discurso individual e no cotidiano da clínica terapêutica não faltam elementos para sustentar a ideia de que a família estendida constitui o primeiro espaço de interlocução contributivo ao crescimento de novos grupos familiares. Em nenhum outro campo relacional o diálogo tende a estar tão marcado pela escuta, colorido pelo afeto e fortalecido pelo desejo. Essas características marcam o diferencial dos laços que unem os dois sistemas, assegurando um lugar destacado no processo e na qualidade do desenvolvimento da estrutura e da dinâmica familiares.

São bem conhecidos alguns efeitos da interferência da família estendida sobre a família nuclear. Situações conflituosas ou invasivas, indefinições ou sobreposições de papéis, dentre outras possibilidades, tendem a acionar movimentos circulares que conduzem à disfuncionalidade familiar. Mas a ausência ou a flacidez das interações entre esses dois sistemas, da mesma forma, pode fragilizar e comprometer os processos de formação das novas famílias e de seus membros, em diferentes momentos e etapas do ciclo vital, com repercussões importantes também no adoecimento social. A ampliação dos comportamentos/sentimentos agressivos, transgressores, fóbicos, de inibição, e o predomínio de posturas hedonistas, assim como outros sintomas sociais, tão evidentes na atualidade, podem ser interpretados como expressões de falhas no processo de autor-

regulação das sociedades ocidentais, processo este no qual as inter-relações entre os sistemas familiares – nuclear e estendido – e o meio social constituem as bases fundamentais.

Mas no que contribui a família estendida para potencializar a formação das famílias nucleares e de seus membros? A escuta clínica, de modo particular, pode oferecer dados consistentes que permitem supor que a família estendida deve desempenhar pelo menos três funções: (1) anunciar o porvir; (2) ensinar e confrontar; (3) proteger e atenuar a dor.

A primeira função, “falar” sobre o porvir, auxiliaria a família a se preparar para as mudanças, desde os aspectos mais elementares – envolvendo notícias sobre o que ocorrerá no próximo estágio de um bebê, por exemplo – até os mais subjetivos e complexos, como sobre os sentimentos que circulam nos processos de envelhecimento e de perdas. Não parece haver um eco tão efetivo dentro dos sujeitos como aquele que tem origem na voz de membros da família estendida, exceto quando, na falta desta, outras pessoas da rede de relações vêm a ocupar este lugar.

O “anúncio prévio” parece melhorar as condições da família para lidar com dificuldades e mudanças, sobretudo quando quem anuncia aponta traços singulares, reconhece sinais específicos da “linhagem” familiar e estabelece as diferenciações pertinentes. Não se trata, pois, de um discurso acadêmico, geral e popular, possível de ser proferido por amigos e pelos meios de comunicação. Trata-se de falar e escutar sobre uma família em especial, sobre suas peculiaridades, suas potencialidades, seus riscos. Num plano ideal, o jogo relacional entre os sistemas se incumbiria de selecionar, desprezar, ou considerar os elementos pertinentes, tendo como horizonte o desenvolvimento e a saúde do grupo e de seus membros.

O suposto de que a “antecipação” dos acontecimentos contribui para a qualidade do desempenho e para o aumento da tolerância de pessoas e grupos, dentre outros aspectos, está claramente explicitado nos conhecidos estudos de Bandura² e outros pesquisadores da aprendizagem social.

A segunda função, ensinar e confrontar, se refere à prática educativa da família estendida propriamente dita, no que tange a se constituir em fonte de conhecimento sobre aspectos que só num tempo devido têm sentido e valor. Nesse contexto, estão incluídos saberes que envolvem a interpretação das demandas sociais e didáticas cotidianas que abarcam desde o manuseio da mamadeira e a lida com a rebeldia dos filhos adolescentes, até o aprendizado sobre o esperar, sobre o “viver” apesar das e com as mudanças, sobre o envelhecer, sobre o morrer.

² BANDURA, A., AZZI, R.G. E POLYDOR, S.A. Teoria Social Cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Ainda nesta função, a família estendida ocupa o papel fundamental de confrontante, sendo espelho e primeira instância crítica dos “comportamentos” da família nuclear. A força do afeto, o estímulo à constituição de modelos alternativos de identificação, a construção genuína de sonhos para o futuro dos netos e sobrinhos, a competição pactuada entre primos, se transmitidos num sistema interativo regular, pode potencializar a fala parental e os valores sociais.

O testemunho imposto pela presença silenciosa, falante ou crítica da família estendida pode ampliar os recursos de contenção de impulsos e fortalecer a luz que ilumina trajetórias morais compartilhadas. Os comportamentos antissociais progressivamente exacerbados e cultuados no mundo contemporâneo e que cunham relações desde o âmbito escolar parecem refletir as consequências do espaço vazio que se criou entre a família nuclear e as demais instâncias intermediárias (escola e outras organizações), no contexto do macrosistema do qual elas fazem parte. Os comportamentos da natureza referida parecem estar sendo mais efetivamente contidos/inibidos por indivíduos cuja família nuclear e estendida mantém laços estreitos e constantes. Exceção deve ser feita, naturalmente, às situações em que os comportamentos “não adaptados” são expressões do desejo familiar, ou sinal de sua disfunção.

O confronto opera, assim, por meio do feedback e da emissão de juízos da família estendida relativamente aos comportamentos dos membros da família nuclear. Esse processo tende a consolidar o sistema de valores, crenças e projetos compartilhados do grupo, permitindo diálogos que fomentam o desenvolvimento e a atualização desses mesmos valores e dessas crenças, favorecendo o desenvolvimento de todos os sistemas envolvidos e de seus membros.

A terceira função da família estendida, proteger e atenuar a dor, compreende um processo de atenção constante e de ajuda diferenciada que minimiza riscos e facilita o restabelecimento ou a aceitação dos males inevitáveis. Trata-se da transposição para um nível familiar das funções equivalentes às desempenhadas por “mães suficientemente boas”, conforme descrito por Winnicott (1986), no que se refere à competência para conter e interpretar dores e necessidades, e contribuir para a cicatrização ou para a construção da capacidade de tolerar tormentos e mortes. Esta ação não deve ser entendida como equivalente ao afago de amigos, seguramente importante e, via de regra, cunhado de profunda sinceridade. A competência para antever, proteger e decifrar a natureza do sofrimento, conter e nomear a tristeza, e fomentar a esperança tende a ser desenvolvida pelos que dominam os códigos comunicacionais essenciais do grupo. A família estendida, a priori, deseja o bem-estar e a continuidade da vida dos que padecem, pois, se pelo amor não fosse, o adoecer coloca em risco o patrimônio afetivo de todo o grupo familiar e a eternidade possível que seus corpos carregam.

O compromisso de anunciar o porvir, de ensinar e confrontar, assim como o de proteger e atenuar a dor, pode e tende a ser assumido pela família estendida, muito mais do que por qualquer outro grupo das relações humanas. Isto, em razão da natureza do afeto que liga seus membros, derivado dos legados circunscritos na novela familiar, dos movimentos de autorregulação interna dos sistemas envolvidos e das construções simbólicas e cognitivas que edificaram sonhos para aqueles que levarão a história da família e de cada um para o futuro.

QUESTÕES PARA DEBATE

1. Qual a diferença entre família estendida e família nuclear?
2. Como a família estendida pode auxiliar na evangelização de crianças com responsáveis que não são cristãos?
3. O que a Igreja pode fazer para fomentar um bom relacionamento entre os membros das famílias estendidas?